

e. lockhart

FRAUDE LEGÍTIMA

Tradução
Flávia Souto Maior

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2017 by E. Lockhart

Tradução publicada mediante acordo com Random House Children's Book,
uma divisão da Penguin Random House LLC.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL *Genuine Fraud*

CAPA Erin Fitzsimmons

IMAGEM DE CAPA © 2017 by Christine Blackburne/ MergeLeft Reps, Inc.

PROJETO GRÁFICO Stephanie Moss

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Luciane Varela Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lockhart, E.

Fraude legítima / E. Lockhart ; tradução Flávia Souto Maior.

— 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2017.

Título original: *Genuine Fraud*.

ISBN 978-85-5534-051-2

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

17-06885

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil

028.5

2. Ficção : Literatura juvenil

028.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br


contato@sequinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinte

 editoraseguinteoficial

Para todos aqueles que aprenderam que bom é sinônimo
de pequeno e silencioso, aqui está o meu coração com
todos os seus nós feios e sua esplêndida fúria

Comece aqui:

📅 **TERCEIRA SEMANA DE JUNHO, 2017**

📍 **CABO SAN LUCAS, MÉXICO**

Era um hotel excelente.

O frigobar do quarto de Jule tinha batatinhas e quatro tipos diferentes de chocolate. A banheira soltava jatos de espuma. Havia um estoque infinito de toalhas felpudas e sabonete líquido de gardênia. No saguão, um homem tocava Gershwin em um piano de cauda diariamente, às quatro da tarde. Dava para fazer tratamentos com argila quente, se a pessoa não se importasse de ser tocada por estranhos. A pele de Jule cheirava a cloro o dia todo.

O Playa Grande Resort, em Baja, tinha cortinas brancas, ladrilhos brancos, carpetes brancos e uma quantidade enorme de sofisticadas flores brancas. Com suas roupas de algodão brancas, os funcionários pareciam enfermeiros. Jule já estava sozinha no hotel havia quase quatro semanas. Ela tinha dezoito anos.

Nesta manhã, ela corria na academia do Playa Grande sem ouvir música. Usava tênis customizados verde-água com cadarços azul-marinho. Estava fazendo um treino intervalado

havia quase uma hora quando uma mulher subiu na esteira ao lado dela.

Ela tinha menos de trinta anos. Os cabelos pretos estavam presos em um rabo de cavalo firme, reforçado com laquê. Ela tinha braços grandes, um tronco sólido, pele morena-clara e um pouco de blush no rosto. Os sapatos estavam gastos e sujos de lama.

Não havia mais ninguém na academia.

Jule diminuiu o ritmo para uma caminhada, pensando em parar em seguida. Gostava de privacidade e, de qualquer modo, já tinha quase terminado.

— Está treinando? — a mulher perguntou. Ela apontou para o painel digital de Jule. — Pra uma maratona ou algo assim? — Ela tinha um leve sotaque mexicano. Devia ser de Nova York, criada em um bairro latino.

— Eu era da equipe de atletismo na escola. — A fala de Jule era clara e direta, como se fosse uma apresentadora da BBC.

A mulher lançou a ela um olhar penetrante.

— Gosto do seu sotaque — ela disse. — De onde você é?

— De Londres. St. John's Wood.

— Nova York — a mulher disse, apontando para si mesma.

Jule saiu da esteira para alongar as pernas.

— Vim sozinha — a mulher falou depois de um instante. — Cheguei ontem à noite, fiz a reserva de última hora. Está aqui há muito tempo?

— Não o bastante pra um lugar como este — Jule respondeu.

— O que você recomenda? No Playa Grande, digo?

Jule quase não falava com outros hóspedes, mas não viu problema em responder.

— Mergulho com snorkel — ela disse. — Vi uma moreia gigantesca.

— Não brinca! Uma moreia?

— O guia a atraiu com algumas vísceras de peixe. Ela saiu do meio das pedras. Era verde-clara, devia ter uns dois metros e meio de comprimento.

A mulher estremeceu.

— Não gosto de moreias.

— Você pode pular essa parte. É meio assustador.

A mulher riu.

— Como é o restaurante? Não comi nada ainda.

— Peça bolo de chocolate.

— No café da manhã?

— Ah, sim. Se pedir, eles fazem especialmente pra você.

— Bom saber. Está viajando sozinha?

— Tenho que ir — disse Jule, sentindo que a conversa havia se tornado pessoal. — Até mais. — Ela seguiu na direção da porta.

— Meu pai está muito doente — a mulher disse, conversando com as costas de Jule. — Faz um tempão que estou cuidando dele.

Uma pontada de empatia. Jule parou e se virou.

— Fico com ele todas as manhãs e todas as noites depois do trabalho — a mulher continuou. — Agora ele está finalmente estável, e eu queria tanto relaxar que nem pensei no preço. Estou gastando uma grana que não deveria aqui.

— O que seu pai tem?

— Esclerose múltipla — respondeu a mulher. — E de-

mência. Ele costumava ser o líder da família. Muito assertivo. Com opiniões fortes. Agora não passa de um corpo contorcido na cama. Metade do tempo, nem sabe onde está. Fica me perguntando se sou a garçonete dele e coisas do tipo.

— Que merda.

— Ao mesmo tempo que tenho medo de que ele morra, odeio ter que ficar perto dele. Sei que depois que ele morrer vou me arrepender de ter me afastado dele por causa dessa viagem, sabe? — A mulher colocou os pés nas laterais da esteira, parando de correr. Secou os olhos com o dorso da mão. — Desculpe. Estou falando demais.

— Tudo bem.

— Pode ir. Vá tomar seu banho, ou seja lá o que for fazer. A gente se vê por aí.

A mulher arregaçou as mangas da camiseta e se virou para o mostrador digital da esteira. Uma cicatriz descia por seu antebraço direito, irregular, como se tivesse sido feita por uma faca. Não era reta, como a de uma cirurgia — havia uma história ali.

— Você gosta de jogos de perguntas e respostas? — Jule perguntou, indo contra seu bom senso.

Um sorriso. Dentes brancos, mas tortos.

— Modéstia à parte, é uma das minhas especialidades.

— Dia sim, dia não, rola esse tipo de coisa no salão do térreo — disse Jule. — É só um monte de bobagem, mas quer ir?

— Que tipo de bobagem?

— Bobagens divertidas. Ridículas e escandalosas.

— Legal. Pode ser.

— Ótimo — disse Jule. — Vamos arrasar. Você vai ficar

feliz por ter tirado férias. Sou boa em super-heróis, filmes de espionagem, youtubers, malhação, finanças, maquiagem e escritores vitorianos. E você?

— Escritores vitorianos? Tipo Dickens?

— É, tipo isso. — Jule sentiu o rosto corar. De repente, parecia um conjunto estranho de coisas pelas quais se interessar.

— Amo Dickens.

— Sérió?

— Sérió. — A mulher deu outro sorriso. — Sou boa em Dickens, culinária, atualidades, política... O que mais? Ah, gatos.

— Ótimo — disse Jule. — Começa às oito, no salão que dá para o saguão principal. Onde tem o bar com sofás.

— Oito horas. Combinado. — A mulher se aproximou e estendeu a mão. — Como é seu nome mesmo? O meu é Noa.

Jule apertou a mão dela.

— Nem cheguei a me apresentar. Me chamo Imogen.

Jule West Williams tinha aparência mediana. Raramente era rotulada como *feia*, mas não era o tipo de garota que costumava ser considerada *linda*. Era baixa, com apenas um metro e cinquenta e cinco, e andava sempre de cabeça erguida. Tinha um corte de cabelo joãozinho com reflexos loiros e raízes escuras. Olhos verdes, pele branca, sardas claras. A maior parte das roupas que usava não revelava seu corpo forte. Os músculos de Jule se sobressaíam dos ossos em poderosos arcos — como se tivesse sido desenhada por um quadrinista, principalmente as pernas. Cobrindo sua parede rígida de músculos abdominais, havia uma camada de gordura, resultado do gosto da garota por carne, sal, chocolate e açúcar.

Jule acreditava que quanto mais se suava no treino, menos se sangrava na batalha.

Ela acreditava que a melhor forma de evitar ter o coração partido era fingir não ter coração.

Acreditava que a *forma* como se falava era, na maior parte das vezes, mais importante do que qualquer coisa que se tivesse a dizer.

Também acreditava em filmes de ação, em musculação, no poder da maquiagem, em memorização, em direitos iguais e que vídeos do YouTube podiam ensinar um milhão de coisas que ninguém aprende na faculdade.

Se confiasse em alguém, Jule contaria que estudou em Stanford com uma bolsa de estudos de atletismo.

— Fui recrutada — ela explicaria. — Stanford está na primeira divisão. Cobria as mensalidades, os livros e todo o resto.

O que aconteceu?

Jule poderia dar de ombros.

— Eu queria estudar literatura vitoriana e sociologia, mas o técnico era um tarado — ela diria. — Molestava todas as meninas. Quando chegou perto de mim, eu dei um chute no meio das pernas dele e contei o que tinha acontecido para todo mundo que quisesse ouvir. Professores, alunos, o *Stanford Daily*. Gritei aos quatro ventos do mundo acadêmico, mas todos sabem o que acontece com atletas que revelam histórias sobre seus técnicos.

Ela retorceria os dedos e abaixaria os olhos.

— As outras meninas da equipe negaram tudo — diria. — Falaram que eu estava mentindo e que aquele tarado nunca tinha encostado a mão em ninguém. Não queriam que os pais soubessem e tinham medo de perder a bolsa. Fim. Ele não perdeu o emprego. Eu saí da equipe, o que significava perder a bolsa. E é dessa forma que uma aluna exemplar acaba abandonando os estudos.

Depois da academia, Jule nadou um quilômetro e meio na piscina do Playa Grande e passou o resto da manhã como costumava passar: sentada no *business center*, assistindo a vídeos em espanhol. Ela ainda vestia roupa de banho, mas usava seus tênis verde-água. Havia passado batom rosa-shocking e um delineador prateado. O maiô era grafite, com uma argola enfeitando o decote profundo. Parecia uma super-heroína de um quadrinho da Marvel.

O lugar tinha ar-condicionado. Estava sempre vazio. Jule

botou os pés para cima e colocou os fones de ouvido enquanto bebia uma coca zero.

Depois de duas horas de espanhol, almoçou uma barra de chocolate e começou a assistir a videoclipes. Gastou a energia da cafeína dançando e cantando para a fileira de cadeiras giratórias na sala vazia. A vida parecia maravilhosa naquele dia. Tinha gostado daquela mulher triste que fugia do pai doente, com sua cicatriz interessante e um gosto literário surpreendente.

Elas arrasariam no jogo de perguntas e respostas.

Tomou outra coca zero. Verificou a maquiagem e deu um golpe de *kickboxing* no seu próprio reflexo na janela da sala. Depois riu alto, porque parecia ao mesmo tempo boba e incrível. O tempo todo, sentia os batimentos cardíacos em seus ouvidos.

O cara que trabalhava no bar da piscina, Donovan, era um local grandalhão e gentil. Tinha cabelos lisos e dava piscadinhas para a clientela. Falava inglês com o sotaque particular de Baja e sabia o que Jule gostava de beber: coca zero com uma dose de xarope de baunilha.

Algumas tardes, Donovan perguntava a Jule sobre sua infância em Londres. Ela aproveitava para praticar seu espanhol. Os dois assistiam a filmes na tela sobre o bar enquanto conversavam.

Aquele dia, às três da tarde, Jule sentou na banquetta do canto, ainda de maiô. Donovan vestia um blazer branco do Playa Grande e camiseta. Os pelos em sua nuca estavam altos.

— Que filme é esse? — ela perguntou, olhando para a TV.

— *Hulk*.

— Qual?

— Não sei.

— Foi você que colocou o DVD. Como pode não saber?

— Eu nem sabia que existia mais de um Hulk.

— Existem três. Não, calma. São vários na verdade. Se contar os da TV, os desenhos e todo o resto.

— Não sei que Hulk é esse, srta. Williams.

O filme continuou passando. Donovan lavou os copos e limpou o balcão. Preparou um uísque com refrigerante para uma mulher, que levou a bebida para a outra ponta da área da piscina.

— Esse é o segundo melhor Hulk — disse Jule, quando ele voltou. — Como se diz *scotch* em espanhol?

— *Escocés*.

— *Escocés*. Que marca é boa?

— Você não bebe nunca.

— Mas se eu bebesse.

— Macallan — Donovan respondeu, dando de ombros.

— Quer que eu sirva um pouquinho?

Ele encheu cinco copinhos com marcas diferentes de uísques escoceses de boa qualidade. Explicou sobre *scotches* e uísques e por que se deve pedir um e não o outro. Jule experimentou todos, mas não bebeu muito.

— Este aqui tem cheiro de sovaco — ela disse.

— Você é louca.

— E aquele tem cheiro de gasolina.

Ele se inclinou sobre o copo para sentir o cheiro.

— Pode ser.

Ela apontou para o terceiro.

— Xixi de cachorro, daqueles bem bravos.

Donovan riu.

— Os outros têm cheiro de quê? — ele perguntou.

— Sangue ressecado — Jule respondeu. — E aquele troço que se usa pra limpar banheiro.

— De qual você gostou mais?

— Do sangue ressecado — ela disse, enfiando o dedo no copo e experimentando novamente. — Qual é o nome deste?

— É o Macallan. — Donovan tirou os copos. — Ah, esqueci de contar: uma mulher perguntou de você mais cedo. Ou talvez não fosse você, não dá pra ter certeza.

— Que mulher?

— Uma moça mexicana. Perguntou em espanhol sobre uma americana branca com cabelos loiros e curtos, viajando

sozinha — Donovan respondeu. — Ela falou sobre sardas. —
Ele tocou o próprio rosto. — No nariz.

— O que você disse a ela?

— Disse que o hotel é grande e está cheio de americanos.

Não sei quem está sozinho ou acompanhado.

— Não sou americana — Jule disse.

— Eu sei. Por isso disse a ela que não tinha visto ninguém
com aquela descrição.

— Sêrio?

— Sim.

— Mas acha que era de mim que ela estava falando?

Ele olhou para Jule por um longo minuto.

— Acho, sim — ele finalmente respondeu. — Não sou
idiota, srta. Williams.

Noa sabia que ela era americana.

Aquilo significava que ela era policial. Ou algo do tipo. Tinha que ser.

Toda aquela conversa não passava de uma armação para Jule. O pai doente, Dickens, a história de que ficaria órfã. Noa sabia exatamente o que dizer. Lançara aquela isca — “Meu pai está muito doente.” — e Jule a mordera, faminta.

Ela sentiu o rosto esquentar. Estava sozinha e fraca. Fora tola de cair naquela conversa. Era tudo um truque, para que Jule a visse como confidente — e não como adversária.

Jule voltou para o quarto, tentando parecer o mais relaxada possível. Uma vez lá, pegou seus itens de valor no cofre. Vestiu jeans e camiseta, calçou botas e colocou o máximo de roupas que conseguiu em sua mala mais pequena. Abandonou o restante. Sobre a cama, deixou cem dólares de gorjeta para Gloria, a camareira com quem às vezes conversava. Depois puxou a mala de rodinhas pelo corredor e a escondeu ao lado da máquina de gelo.

De volta ao bar da piscina, disse a Donovan onde a mala estava. Ela deslizou uma nota de vinte dólares sobre o balcão.

Pediu um favor.

Deslizou outra nota de vinte e passou as instruções.

Jule deu uma olhada no estacionamento dos funcionários e encontrou o pequeno sedã azul do barman destrancado. Ela abriu a porta traseira e se deitou no chão. Estava cheio de sacos plásticos vazios e copos de café.

Teve que esperar uma hora até que o turno de Donovan terminasse. Com sorte, Noa não perceberia que havia algo errado até que já fossem umas oito e meia e ela não tivesse aparecido para a noite de jogos. Então verificaria as empresas de táxi e o serviço de transporte para o aeroporto antes de pensar no estacionamento dos funcionários.

Estava abafado e quente dentro do carro. Jule ouviu passos. Sentiu uma cãibra no ombro. Estava com sede.

Donovan ia ajudá-la, certo?

Sim. Ele já havia quebrado um galho para ela. Havia dito a Noa que não sabia de quem ela estava falando, e alertou Jule. Prometeu pegar sua mala e lhe dar uma carona. E ela havia lhe dado dinheiro.

Além disso, os dois eram amigos.

Jule esticou um joelho de cada vez, depois se encolheu novamente no espaço entre os assentos.

Pensou no que estava usando, então tirou os brincos e o anel de jade e os guardou no bolso da calça. Obrigou-se a respirar com mais calma.

Finalmente, ouviu o som de uma mala de rodinhas e o porta-malas sendo fechado. Donovan entrou na frente do volante, deu a partida e saiu com o carro do estacionamento. Jule permaneceu no chão enquanto ele dirigia. A avenida tinha poucos semáforos. Tocava música pop mexicana no rádio.

— Pra onde quer ir? — Donovan perguntou, depois de um tempo.

— Pra qualquer parte da cidade.

— Então vou pra casa. — De repente, a voz dele pareceu ameaçadora.

Droga. Ela teria cometido um erro ao entrar no carro dele? Seria Donovan um desses caras que pensam que uma garota precisa pagar um favor com sexo?

— Pode me deixar longe de onde você mora — ela disse com rispidez. — Eu me viro.

— Não precisa falar desse jeito — ele disse. — Estou me arriscando por você.

Imagine isso: uma casa adorável no subúrbio de uma cidade no Alabama, onde a Jule de oito anos de idade acorda no escuro uma noite. Terá ouvido um barulho?

Ela não tem certeza. A casa parece silenciosa.

A pequena Jule desce as escadas vestindo uma camisola cor-de-rosa de tecido fino.

No andar de baixo, um arrepio de medo percorre seu corpo. A sala está toda destruída, com livros e papéis jogados por todo o lado. O escritório está ainda pior. Os arquivos foram derrubados. Os computadores sumiram.

— Mamãe? Papai? — A garotinha corre para o andar de cima e olha no quarto de seus pais.

Vazio.

Agora ela está *realmente* assustada. Abre a porta do banheiro. Não encontra ninguém. Então corre para fora.

Árvores altas contornam o jardim. A pequena Jule está na metade do caminho quando se dá conta do que está vendo, sob a luz de um poste.

Mamãe e papai estão caídos na grama, com o rosto para baixo. Seus corpos estão largados e moles. As poças de sangue já escureceram sob eles. Mamãe tomou um tiro na cabeça. Deve ter morrido instantaneamente. Papai também está morto, mas os únicos ferimentos visíveis estão nos braços. Deve ter morrido devido ao sangramento. Ele está curvado sobre mamãe, como se estivesse pensando apenas nela em seus momentos finais.

Jule corre de volta para dentro de casa para chamar a polícia. Mas o telefone está desligado.

Ela volta ao jardim, querendo fazer uma oração, pensando em se despedir, pelo menos — mas os corpos de seus pais desapareceram. O assassino os levou embora.

A pequena Jule não se permite chorar. Passa o resto da noite sentada naquele círculo de luz, ensopando a camisola no sangue espesso.

Durante as duas semanas seguintes, ela fica sozinha naquela casa saqueada. Permanece forte. Cozinha para si mesma e vasculha os papéis que restaram, procurando pistas. Ao ler os documentos, vai descobrindo vidas cheias de heroísmo, poder e identidades secretas.

Uma tarde, ela está no sótão vendo fotografias antigas quando uma mulher vestida de preto aparece.

A mulher dá um passo à frente, mas Jule é ágil. Ela atira um abridor de cartas, com força e rapidez, mas a mulher o pega com a mão esquerda. A menina escala uma pilha de caixas e agarra uma viga no alto. Corre sobre ela e passa por uma janela apertada que dá para o telhado. O pânico atinge seu peito.

A mulher vai atrás dela. A pequena Jule salta do telhado para os galhos de uma árvore vizinha e quebra um graveto afiado para usar como arma. Segura-o com a boca enquanto desce. Está correndo para se esconder nos arbustos quando a mulher atira em seu tornozelo.

A dor é intensa. Jule tem certeza de que a assassina de seus pais veio para pôr um fim na vida dela. Porém, quando a mulher se aproxima da menina, ela a ajuda a levantar e cuida de seu ferimento. Retira a bala e limpa o machucado com antisséptico.

Enquanto faz o curativo, a mulher explica que é uma

recrutadora. Esteve observando Jule durante as duas últimas semanas. A menina não é apenas filha de duas pessoas excepcionalmente habilidosas como também tem um intelecto notável e um intenso instinto de sobrevivência. Ela quer treinar Jule e ajudá-la a se vingar — e, uma vez que é uma espécie de tia distante, sabe todos os segredos que os pais escondiam de sua única e tão amada filha.

É nesse momento que uma educação altamente incomum se inicia. Jule vai para uma academia especial situada em uma mansão reformada, em uma rua comum da cidade de Nova York. Ela aprende técnicas de vigilância, a dar saltos mortais para trás, a remover algemas e camisas de força. Usa calça de couro e enche os bolsos de dispositivos. Tem aulas de línguas estrangeiras, convenções sociais, literatura, artes marciais, uso de armas de fogo, disfarces, sotaques variados, métodos de falsificação, particularidades da lei. A formação dura dez anos. Quando termina, Jule se tornou o tipo de mulher que nunca deve ser subestimada.

Essa é a história de origem de Jule West Williams. Quando estava vivendo no Playa Grande, ela diria que esta era a história favorita sobre a sua vida.